



No meu corpo:
A criação de um curta-metragem como filme de mulheres negras em Goiás¹

Naira Rosana Dias da Silva²
Universidade Federal de Goiás

Resumo: O tema deste trabalho refere-se às poéticas visuais e aos processos de criação do documentário híbrido: *No meu corpo*, sobre as relações de uma jovem mulher negra consigo e sobre como é percebida onde convive. Debateu-se: documentário, crítica feminista e teoria do cinema, gênero e raça. Autores do *Cinema* e da *Arte e Cultura Visual* foram lidos antes da entrevista e da criação do roteiro. O resultado final fora um curta com planos fechados e câmera fixa, sem a face da *entrevistada* aparecendo.

Palavras-chave: Cinema Goiano. Mulher Negra. Corpo, Gênero e Raça. Cinema Negro. Feminismo Negro.

Resumo expandido: Este trabalho possui como tema as poéticas visuais e os processos de criação do documentário híbrido: *No meu corpo*³, um curta-metragem de 5 minutos realizado em julho de 2018 no estado de Goiás, em fase de pós-produção. Trata sobre as relações de uma jovem mulher negra com o seu corpo e de como é percebida nos ambientes de seu convívio.

Os objetivos foram: debater a construção do documentário contemporâneo, híbrido, com influências, principalmente, do *docuficção* e do *performático*, mas também do *experimental*, do *poético*, do *expositivo* conforme os *modos do documentário* explanados por Nichols (2010). Criar uma proposta visual que mostrasse o corpo nu da entrevistada, dado que o filme trata-se de uma realização de uma diretora também mulher negra. Debater o cinema feito por mulheres e a *Teoria Feminista do Cinema* (MULVEY, 1975; KAPLAN, 1995; GUBERNIKOFF, 2016), numa intersecção entre cinema, gênero e raça.

¹ Trabalho apresentado à VII Semana do Cinema e Audiovisual da UEG. Goiânia, UEG- Campus Laranjeiras, 2018.

² Doutoranda e mestra em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV e bacharela em Artes Visuais pela FAV-UFG. Docente efetiva do IFG - Câmpus Cidade de Goiás, ministrando aulas ao curso de Artes Visuais. Artista visual, atuando com *performance art* ou ações urbanas, fotografia, videoarte e cinema. Atualmente, desenvolve pesquisa em arte contemporânea e Cinema em Goiás, com foco à produção realizada por mulheres e à representação da mulher, principalmente, à mulher negra. E-mail: naira.rosana.dias@gmail.com

³ Roteiro, Direção Cinematográfica: Naira Rosana. Participação na argumentação e colaboração: Andréa Alcântara Almeida Amorim. Direção de Fotografia: Naira Rosana e Igor Felipe Assis. Direção de arte: Naira Rosana, Igor Felipe Assis e Andréa Amorim. Entrevistada/ atriz: Júlia Caetano. Montagem e edição: Naira Rosana.



A problemática levantada se deu sobre como filmar o corpo nu da mulher negra, numa tentativa de subverter o olhar do *voyeur* ou de *objetificação* conforme a *Teoria Feminista do Cinema* (MULVEY, 1975; KAPLAN, 1995). Simultaneamente, debatendo esta teoria à qual se refere a outro contexto, a outra época e às mulheres brancas idealizadas do cinema narrativo *hollywoodiano* às quais não representam todas as mulheres, assim como propõe Bell Hooks (1992) ou Gubernikoff (2016). Desse modo, questionou-se as imposições do olhar branco sobre o corpo negro. Evitou-se movimentos de câmera que lembrassem o voyeurismo e usou-se em maioria a câmera fixa e planos fechados com enquadramentos em recortes no corpo.

“As mulheres precisam estar nuas pra aparecerem no Cinema?” – questionou-se numa menção ao *Guerilla Girls*. A opção pelo nu, uma ironia ao padrão de beleza imposto e uma forma da entrevistada/ atriz declarar sua autonomia enquanto mulher, senhora de si, já que na entrevista ela expressou que sempre fica nua em casa sozinha, é o seu costume e ela gosta da liberdade do corpo. Filmá-la no lar, na intimidade, sendo a casa e o nu figuras de linguagem para o interior das memórias da entrevistada/ atriz: casa-corpo-memórias.

A metodologia para a construção do curta partiu da leitura de autores do *Cinema*, mas também de autores da *Arte e Cultura Visual*, instigadores de propostas descoloniais/ decoloniais, que tratam das relações de poder a partir da Europa como o centro e os discursos da *globalidade* (MIGNOLO e PALERMO, 2009); e da gravação de uma entrevista à qual originou um roteiro para a composição visual, a parte de ficção, e o encadeamento das falas gravadas com a entrevistada.

No Brasil e em Goiás, a maior parte das diretoras mulheres realizam curtas e documentários e há de se considerar os discursos sobre a inserção da mulher negra diante e por trás das câmeras. Inclusive, debater se ainda podemos ficar nos pautando na *Teoria Feminista do Cinema* nos dias atuais (GUBERNIKOFF, 2016). Sendo necessário refletir sobre a diversidade de corpos, de relações, de raças, perfis e vivências de mulheres, de lugares. Portanto, a mulher negra no cinema ainda necessita de espaço diante e por trás das câmeras para a negociação do diálogo visual, já que o sujeito constrói sua identidade manipulando as representações culturais e sociais existentes.



VII SAU - SEMANA DE CINEMA
E AUDIOVISUAL DA UEG

Luz, câmera, ação:
Os bastidores do fazer cinematográfico
v.5 n.1(2018): Anais da VII SAU UEG

Referências Bibliográficas

GUBERNIKOFF, Giselle. **Cinema, identidade de feminismo**. São Paulo: Pontocom, 2016.

HOOKE, Bell. *The oppositional gaze: black female spectators*. In: _____. **Black looks: race and representation**. Boston: South End Press, 1992. Disponível em: <

<https://aboutabicycle.files.wordpress.com/2012/05/bell-hooks-black-looks-race-and-representation.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

KAPLAN, Ann E. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MIGNOLO, Walter. Prefácio. In: PALERMO, Zulma. **Arte y estética en la encrucijada descolonial**. Buenos Aires: Del Signo, 2009.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.) **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 2003, p.437-453.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2010.